

O Que é e ao Que Serve a Hermenêutica?¹

What is Hermeneutics and for What Should it Serve?

Gert Schubring

Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ, Brasil.

E-mail: gert.schubring@uni-bielefeld.de

Resumo

Este artigo foi incitado pela propagação aparentemente crescente - somente no Brasil - de um referencial teórico metodológico, na área de pesquisa em história do ensino da matemática: a “hermenêutica de profundidade”. Como se revela que este conceito constitui uma transformação – sim, “profunda” – do conceito original da hermenêutica e para fins bem diferentes – análises sociológicas de indicadores de ideologia nas *mass media* modernas -, o artigo explicita as intenções que levaram às tentativas de utilizar este referencial: a intenção de análises do contexto sociocultural de livros textos. Em vez de esforços complicados de re-transformar aquele referencial para o uso tencionado, o artigo mostra que tais desvios não são necessários e que já existem padrões suficientes para análises contextualizadas de livros texto. Assim, o artigo apresenta o conceito original da hermenêutica assim como seu desenvolvimento – em particular na filosofia alemã. Enquanto este desenvolvimento resultou na dominância de uma vertente subjetiva, o artigo enfatiza que tal vertente não é adequada para analisar textos científicos e argumenta a favor de uma hermenêutica material ou objetiva.

Palavras-chave: Profundidade. Análise Sócio-Cultural. Hermenêutica Subjetiva Versus Objetiva ou Material.

Abstract

This article was prompted by the apparently growing propagation – actually, only in Brazil - of a theoretical methodological approach in the area of research into the history of mathematics teaching: “hermeneutics of profoundness”. As it will be revealed that this concept constitutes a transformation – in fact, a “profound” one - of the original concept of hermeneutics, undertaken for very different aims, namely sociological analyses of indicators of ideology in the modern mass media -, this article explains the intentions that led to the attempts to use this approach: the intention of analysing the sociocultural context of (mathematics) textbooks. Instead of complicated efforts to re-transform that approach for the intended use, the article shows that such deviations are not necessary and that there exist already sufficient conceptions for contextualized textbook analysis. Thus, the article presents the original concept of hermeneutics as well as its development - in particular in German philosophy. While this development resulted in the dominance of a subjective strand, the article emphasises that this tendency is not adequate for analysing scientific texts and argues for material or objective hermeneutics.

Keywords: *Profoundness. Sócio-Cultural Analysis. Subjective vs. Objective or Material Hermeneutics.*

1 Introdução

A hermenêutica é uma metodologia com uma longa tradição científica para analisar textos revelando os seus sentidos. O termo tem sua origem em uma palavra grega: ἑρμηνεύειν, ou em letras latinas *hermēneúein*. Na língua grega esta palavra significa: explicar, interpretar. No entanto, recentemente, observa-se no Brasil – e estranhamente somente no Brasil - a disseminação de uma concepção que parece ter o intuito de superar a hermenêutica tradicional, exprimindo uma ambição maior: Hermenêutica de profundidade. E como o uso desta alegada variante já se tornou bastante frequente, os seus seguidores já utilizam uma abreviação, que também estarei adotando neste artigo: HP.

Aqui, em uma primeira parte, o significado desta vertente aparentemente ambiciosa é analisado; e em uma segunda parte,

o desenvolvimento da hermenêutica clássica será apresentado e a sua concepção discutida, revelando a existência de duas vertentes opostas e fortemente diferentes.

2 Em Busca da ‘Profundidade’

Na direção mencionada e desenvolvendo-se no Brasil, observa-se que esta vertente acontece apenas em uma área bem circunscrita: na educação matemática, e nessa em uma subárea: em trabalhos sobre a história do ensino da matemática – e ainda mais especificamente em estudos históricos sobre livros didáticos. Neste campo de pesquisa propõe-se aplicar a “HP” para analisar livros didáticos da matemática produzidos em períodos diversos.

A fim de entender o que esta concepção de hermenêutica de profundidade significa, eu procurei na internet estudos com tal palavra chave. Identifiquei por acaso um primeiro artigo,

¹ Intencionalmente, o título refere ao livro famoso do Richard Dedekind de 1872: *O que são e a que servem os números?* [Was sind und was sollen die Zahlen?].

por Tatiana de Silva e Sílvia Otero-Garcia de 2012, com o título promissor: *Hermenêutica de Profundidade e suas Possibilidades para a Educação Matemática*.

Este artigo apresenta seu referencial teórico como hermenêutica de profundidade, referenciando-se na obra de um sociólogo inglês, John B. Thompson: *Ideologia e Cultura Moderna* (1990; traduzido em 1995), que propõe aplicar tal referencial para a análise de formas simbólicas. Porém, Silva & Otero-Garcia (2012) não explicam as origens do referencial nem como fora introduzido em Thompson (1990). Em vez disso, Silva e Otero-Garcia se referem a um outro trabalho brasileiro, Cardoso (2009, p.26), citando sua explicação da abordagem do Thompson *uma análise cultural, que foca as formas simbólicas, em relação aos contextos que as produzem, transmitem e recebem* (Silva & Otero-Garcia 2012, p.2).

Quanto a estas formas simbólicas, os autores explicam brevemente que ficam entendidas como “produções humanas intencionais” (ibid.). Em busca por uma explicação menos sucinta sobre formas simbólicas, encontrei mais uma publicação com o termo HP no título, por Cury & Alves (2015). Estes últimos citam brevemente o próprio Thompson (2011, p.183, *apud* Cury & Alves 2015, p.2-3):

Para dizer o que entende por formas simbólicas, Thompson discute seus aspectos fundamentais: intencional, convencional, estrutural, referencial e estrutural. A característica “intencional” da forma simbólica aponta que, segundo o autor, *são expressões de um sujeito e para um sujeito (ou sujeitos)*. [Ou seja, o sujeito, ao produzir, constituir e empregar as formas simbólicas, faz isso buscando certos objetivos e propósitos] e tentando expressar aquilo que ele ‘quer dizer’ ou ‘tenciona’ nas e pelas formas assim produzidas.

Permanecendo ainda breve e geral, os autores dão a entender que, em particular – já segundo Thompson - para eles o foco de interesse consiste em uma “análise sócio-histórica”. Concretizam a abordagem de uma tal análise, apoiando-se no mesmo autor e publicação já utilizados por Silva & Otero-Garcia: Cardoso (2009). Referem-se a Cardoso colocando como objetivos: na chamada ... análise sócio-histórica, procura-se reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas:

- Identificar e descrever as situações espaço-temporais em que as formas simbólicas são produzidas e recebidas.
- Analisar o campo de interação das formas simbólicas: trajetórias que determinam como as pessoas têm acesso às oportunidades de usar as formas simbólicas – emprego dos recursos disponíveis, esquemas tácitos de conduta, convenções, conhecimento próprio inculcado nas atividades cotidianas.
- Analisar as instituições sociais, isto é, as regras e os recursos em uso nas relações sociais. Examinar as práticas e as atitudes das pessoas que agem a favor da instituição social.
- Analisar as estruturas sociais: estabelecer critérios e categorias para examinar as diferenças da vida social.
- Examinar os meios técnicos de constituição de mensagens

e como eles são inseridos na sociedade. (Cardoso, 2009, Cury & Alves, 2015).

Procurando mais explicações, encontrei mais um artigo pertinente, de Fábio D. Oliveira et al., de 2013. Nesse, os autores baseiam-se, ao se referirem à concepção de Thompson, em mais um trabalho brasileiro, Oliveira et al. (2008), que enfatiza o papel do conceito de HP de Thompson para analisar livros didáticos antigos. Por outro lado, o artigo contém também algumas citações de Thompson, enfatizando mais uma vez seu foco de análise nas formas simbólicas. E eles acrescentam que a abordagem de Thompson consiste em investigar três dimensões:

a metodologia de interpretação proposta por John B. Thompson, o Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade, estrutura-se em três “fases”, interligadas e concomitantes, que podem ser sinteticamente chamadas de Análise Sócio-Histórica, Análise Formal ou Discursiva e Interpretação/Reinterpretação (Oliveira et al. 2013, p.121-122).

Em síntese, estes artigos não apresentam uma explicação satisfatória sobre o que seria a “hermenêutica de profundidade” segundo Thompson e elegem alguns aspectos a serem considerados, em particular, o de analisar formas simbólicas segundo o aspecto sócio-cultural.²

Assim vale retomar os textos escritos pelo próprio Thompson para certificar o que se pode entender de suas ideias em seu livro, citado em todos estes trabalhos.

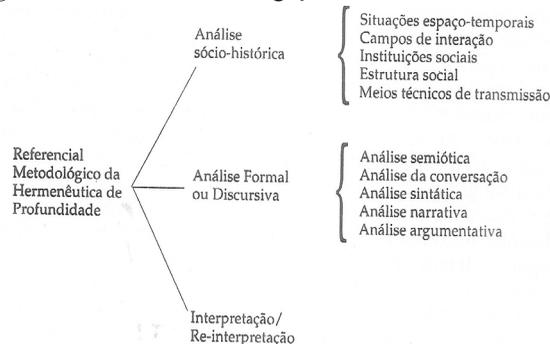
Revela-se que Thompson enfatiza mesmo a análise sócio-histórica como seu interesse principal em hermenêutica. De fato, ele responde à questão colocado por ele próprio, do porque utilizar a antiga tradição da hermenêutica, dizendo que o uso seria “para o que eu poderia descrever como *as condições hermenêuticas da pesquisa sócio-histórica*” (Thompson 1995, p. 32).

E Thompson descreve seu programa como:

Desenvolvo a hermenêutica de profundidade como referencial metodológico geral para análise dos fenômenos culturais, isto é, para a análise das formas simbólicas em contextos estruturados (Thompson 1995, p. 33).

Aqui entende-se bem o caráter demais geral das ‘formas simbólicas’: podem ser qualquer ‘fenômeno cultural’. Uma vez, Thompson fica um pouquinho mais concreto: formas simbólicas seriam “expressões linguísticas, gestos, ações, obras da arte, etc.” (Thompson 1995, p.9). E estas formas simbólicas deveriam ser analisadas naquelas três fases já citadas. E destas três fases, Thompson foca em especial na primeira, a análise sócio-cultural, como fica também visualizado em sua figura onde as três fases ficam sintetizadas – sendo que a primeira fase é aquela já citada extensamente por Cardoso (ver em cima):

2 Vale observar que estes trabalhos tem uma origem comum: o grupo GHOEM, ou Grupo História Oral e Educação Matemática.

Figura 1 - Formas de Investigação Hermenêutica

Fonte: Thompson (1995).

E qual é o objetivo de Thompson ao desenvolver este “referencial metodológico”? O autor é bem claro e explícito sobre seu objetivo, explicando assim o título da sua obra:

O enfoque da hermenêutica de profundidade que desenvolvo como um referencial geral par a análise cultural pode ser adaptado para a análise da ideologia. Vejo a análise da ideologia como uma forma específica, ou uma versão, da hermenêutica de profundidade (Thompson 1995, p. 35).

O sumário do livro (restrito aos capítulos principais) confirma o objetivo exclusivo de analisar ideologias na nova época das *mass media*:

1. O conceito de Ideologia
2. Ideologia nas Sociedades Modernas
3. O Conceito de Cultura
4. Transmissão Cultural e Comunicação de Massa
5. Para uma Teoria Social da Comunicação de Massa
6. A Metodologia da Interpretação.

Thompson confirma que as origens da sua visão de hermenêutica estão na produção de livros impressos, desde a época de Gutenberg, no século XV– uma produção que ficou inalterada por mais do que três séculos (Thompson 1995). Foi Thompson que transformou as formas tradicionais de textos como objetos da hermenêutica para as suas formas simbólicas, a fim de nelas analisar as ideologias implicadas.

3 Re-inventando a Roda?

Bem, para um sociólogo é legítimo construir meios para analisar novos fenômenos na sociedade. E aparentemente, Thompson não estava satisfeito com as abordagens de hermenêutica já conhecidas por ele e quis nelas integrar uma análise sócio-histórica.³ Mas, o que assusta é a ausência, nos trabalhos pesquisados, de uma reflexão sobre:

- ✓ De que modos a análise de ideologia na *mass media* se relaciona com a educação matemática?
- ✓ E como acontece a utilização da “hermenêutica de profundidade” para a análise de livros didáticos da matemática?

No artigo de Oliveira et al. de 2013 há a explicação que um

autor de uma dissertação de mestrado, em 2008, não encontrou metodologias para analisar livros históricos didáticos e que em suas pesquisas chegou ao referencial do Thompson:

[O mestrando, Oliveira] mapeou as produções em Educação Matemática cujo tema era a análise de textos didáticos de matemática. A partir de suas análises o autor percebeu não haver, nos trabalhos estudados, um procedimento metodológico próprio e claro que servisse de subsídio às análises desenvolvidas por cada um dos autores e trabalhos inventariados. A falta desse procedimento passou a incomodar Oliveira, que encontrou na Hermenêutica de Profundidade (HD) uma possibilidade de suprir suas inquietações (Oliveira et al. 2013, p. 120).

E eles colocam, sem maiores reflexões, que este primeiro autor constatou “que os textos didáticos de matemática poderiam ser considerados, aos moldes de Thompson (1995), Formas Simbólicas” (ibid., p. 122). Já Silva & Garcia-Otero colocaram ainda mais fortemente: “O autor [Oliveira 2008] concebe livros didáticos como formas simbólicas” (Silva & Garcia-Otero 2012, p. 6).

Neste ponto eu me pergunto como é possível nos envolvermos em uma tal confusão. Em vez de entender que as formas simbólicas de Thompson transformam o assunto original referente a livros e ressignificando –o. Por isto, em vez de retomar imediatamente a fonte, todos que trabalham com livros didáticos históricos afanam-se por encontrar um caminho que levaria das abordagens estabelecidas para analisar ideologias até o assunto original: os livros impressos. Isto confirma uma observação já feita várias vezes para a educação matemática: a falta de consciência sobre o que foi realizado e publicado, ou, em outras palavras, a tendência de reinventar a roda, com ressignificações circulares.

De fato, e justamente em referência ao aspecto chave da busca dos autores brasileiros citados: os referenciais para uma análise contextual e para uma análise sócio-cultural, não há como acreditar que uma busca por meios metodológicos não teria levado a resultados pertinentes. Por um lado, não se deve esperar que todo recurso metodológico pertinente tenha o termo ‘hermenêutica’ em sua denominação. Há um grande número de abordagens para análise de textos, e sem que os autores sejam conscientes das implicações do seu próprio referencial.

De fato, a literatura metodológica internacional sobre *textual analysis* ou *content analysis* é abundante. Um verbete significativo na Wikipedia sobre o tema coloca seis perguntas chave numa tal investigação, e assim exige pesquisas sobre o contexto do texto:

1. Which data are analyzed?
2. How are the data defined?
3. From what population are data drawn?
4. What is the relevant context?

³ A Figura 1 mostra que as concretizações que Thompson colocou para a análise sócio-histórica não ultrapassam generalidades onde se chega facilmente em começando a refletir como abordar um tal campo de pesquisa.

⁴ url: https://en.wikipedia.org/wiki/Content_analysis.

5. What are the boundaries of the analysis?
6. What is to be measured?⁴

Para a educação matemática, a busca por referenciais adaptados para análise de textos – ou para interpretar textos - deveria ter início em livros sobre pesquisa qualitativa na educação. No Brasil, uma obra clássica e standard é o livro de Lüdke e André (1986). Aí, a metodologia proposta para analisar textos é chamada ‘análise documental’ (Lüdke & André, 1986, p.33). Procurando então na internet, em o que consiste a metodologia de análise documental, os primeiros achados são dois artigos bem relevantes. Ambos se norteiam em pistas indicadas pelo livro de Lüdke & André. O primeiro artigo, Pimentel (2001), na revista bem qualificada *Cadernos de Pesquisa*, tem como tema justamente o uso da análise documental para investigações historiográficas. O artigo explica muito bem o referencial adotado de análise documental, refletindo em particular em o que consiste um documento; mas o mais significativo para nossa discussão é o caráter necessariamente evidente de incluir na análise os contextos de produção dos textos: devido à “preocupação em garantir a contextualização sócio-histórica” (Pimentel 2001, p.191).

O segundo artigo aprofunda o conceito de análise documental, como já mostram as questões norteadoras: “O que é a pesquisa documental? O que é um documento? Como se constitui uma análise documental?” (Sá-Silva et al. 2009, p. 2). Os autores não somente enfatizam o papel da *École des Annales*, o grupo francês que estendeu significativamente os conceitos tradicionais da historiografia, para abordagens de entendimentos mais amplos do que é um documento. Assim, há uma própria seção ‘o contexto’, onde os autores afirmam:

É primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito. (ibid., p. 8).

Assim fica evidente que na literatura da educação e das ciências sociais em geral há referenciais suficientes para análise de textos, segundo a análise documental, levando em conta o contexto sócio-cultural como essencial. Além disto, existem referenciais para a história da matemática – em particular mesmo um livro inteiro, discutindo a análise de livros textos históricos da matemática: de Schubring (2003).⁵ E há uma publicação já amplamente e internacionalmente utilizado como padrão para tais pesquisas: “On the Methodology of Analysing Historical Textbooks: Lacroix as Textbook Author” (Schubring 1987).⁶ Neles, são apresentadas três dimensões de análise hermenêutica que abrangem as interpretações e as análises sócio-culturais:

- o a primeira dimensão consiste em analisar as mudanças dentro das várias edições de um livro escolhido como

ponto de partida, como um livro didático de álgebra ou um de aritmética.

- o a próxima dimensão consiste em encontrar mudanças correspondentes em outros livros pertencentes à produção do mesmo obra autor ao estudar as partes que tratam de campos conceituais relacionados, como álgebra geométrica, trigonometria, etc.
- o a terceira dimensão relaciona as mudanças nos livros didáticos com as mudanças no contexto: mudanças no currículo, decretos ministeriais, debates didáticos, evolução da matemática, mudanças na epistemologia, etc. (Schubring 1987, p.45).

4 O Desvio Torna-se um Impasse

Recentemente, eu li no número 56, do volume 30, do dezembro 2016 da revista *BOLEMA*, na seção de resenhas, um texto sobre uma tese de doutorado que tem a HD no seu título, de autoria de Miriam Andrade (2012). O texto não é uma resenha no sentido usual, mas um simples relato sobre os conteúdos da tese, sem nenhum questionamento ou crítica. O autor, sendo membro do mesmo grupo da autora – o já mencionado GHOEM – colocou:

A autora discute a possibilidade de usar a concepção de “Paratextos Editoriais”, apresentada por Genette (2009), como um apoio para a análise do livro de Lacroix e explica que os “Paratextos Editoriais” são, segundo Genette, “aquilo por meio de que um texto se torna um livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p. 09). Assim, paratextos seriam tudo o que “cerca” o texto, como: o nome do autor, os títulos, e os subtítulos, a data da obra, os releases, as dedicatórias, as epígrafes, a instância prefacial, as notas de rodapé, listas de obras do mesmo autor, notas do autor, ilustrações, capas, anexos etc.

Visto que até agora foi enfatizado, pelos autores utilizando a HP no Brasil, a abrangência necessária e suficiente deste referencial para a análise pretendida de livros didáticos, fui surpreendido ao constatar aqui que a declaração de que a HD precisa de apoio. Olhando então o texto da tese, encontra-se uma explicação: Thompson mesmo teria declarado que sua metodologia não poderia responder a todas as questões que podem emergir na investigação e que assim mais referências poderiam ser aplicados:

Thompson [c]oloca ainda que, apesar de recomendar e defender esse referencial, acredita que ele, por si só, em alguns casos, não dá conta de responder perguntas *a priori* e que, no decorrer do exercício interpretativo, outros métodos podem surgir, sendo alguns mais adequados que outros, dependendo do objeto específico de análise e das circunstâncias da investigação (Andrade 2012, p.43-44).

Apesar de a autora não dar referências para esta afirmação, uma tal fala do Thompson confirma que sua resignificação e transformação da metodologia da hermenêutica para outros fins e meios teria também a consequência de demandar mais instrumentos de análise. Porém, restringindo-se ao domínio de textos, o alegado “apoio” torna-se reverso: impossibilita

5 Este livro é citado em comentários dos editores da tradução do livro de Lacroix sobre o ensino da geometria para o português: Garnica & Gomes (2013).

6 Este artigo está traduzido para o espanhol (Schubring 1988). A mais recente citação está no último número da revista *Bolema*: 2017.

análises hermenêuticas. De fato, um texto amputado, sem o que fica chamado “paratextos”, quer dizer sem constituintes essenciais de um texto como nome do autor, título, notas de rodapé, ilustrações, anexos, etc. - então um torso – impede a realização da análise da obra.

5 Fontes para Thompson

Thompson nomeou o filósofo francês Paul Ricœur como fonte principal da sua adaptação da hermenêutica (Thompson 1995, p.404). Ele se referiu em particular a dois livros: Paul Ricœur, *Hermeneutics and the Human Sciences: Essays on Language, Action and Interpretation* (1981); *The Conflict of Interpretations: Essays in Hermeneutics*, (Evanston, Illinois: 1974). E Thompson destacou que pontos de vista semelhantes podem ser encontrados em obras de dois alemães, de Jürgen Habermas (1929 -) e de Karl-Otto Apel (1922 -). Como livro de Habermas ele nomeou: *Knowledge and Human Interest*, trad. Jeremy J. Shapiro (Cambridge: Polity Press, 1987).

Assim, chegamos enfim a autores alemães (veja a seguir), que baseiam-se na tradição da hermenêutica – embora não sejam aqueles verdadeiramente competentes em hermenêutica: Habermas é um dos grandes sociólogos alemães e conhecido por sua “teoria crítica” de análise da sociedade.

Já Paul Ricœur (1913-2005) experimentou uma relação bem especial com a filosofia alemã: depois 1940, como prisioneiro de guerra do exército alemão, pode passar os anos de cativo na Pomerania em um ambiente intelectual: ele leu obras do filósofo alemão Karl Jaspers, sobre existencialismo, o que o influenciou fortemente. Depois da guerra, ele trabalhou sobre fenomenologia e estabeleceu relações entre esta e a psicanálise. Ele opõe, segundo Dilthey (ver a seguir) ‘explicar’ e ‘entender/interpretar’. Ele enfatizou a tarefa subjetiva de se ‘apropriar’ um texto. Desta maneira trata-se de uma hermenêutica filosófica que tem por intenção ler textos – literário-filosóficos – segundo os objetivos pessoais ou subjetivos do leitor. Assim, de modo oposto ao de ler textos científicos. Parece que Ricœur seguiu Jaspers ao conceber que uma leitura existencial-hermenêutica de um texto constitui um diálogo pessoal do leitor com o autor. O sumário do seu livro sobre o conflito das interpretações mostra como ele conectou a hermenêutica com as vertentes atuais da filosofia na França: com estruturalismo, psicanálise e fenomenologia:

Figura 2 - Primeira página do sumário de Ricœur 1969

Existence et herméneutique	7
I. HERMÉNEUTIQUE ET STRUCTURALISME	
Structure et herméneutique	31
Le problème du double-sens comme problème herméneutique et comme problème sémantique	64
La structure, le mot, l'événement	80
II. HERMÉNEUTIQUE ET PSYCHANALYSE	
Le conscient et l'inconscient	101
La psychanalyse et le mouvement de la culture contemporaine	122
Une interprétation philosophique de Freud	160
Technique et non-technique dans l'interprétation	177
L'art et la systématique freudienne	195
III. HERMÉNEUTIQUE ET PHÉNOMÉNOLOGIE	
L'acte et le signe selon Jean Nabert	211
Heidegger et la question du sujet	222
La question du sujet : le défi de la sémiologie	233
IV. LA SYMBOLIQUE DU MAL INTERPRÉTÉE	
Le « péché originel » : étude de signification	265
Herméneutique des symboles et réflexion philosophique (1)....	283

6 A Hermenêutica Propriamente Dita, ou Clássica

Cabe enfatizar que a hermenêutica deve suas origens aos Tempos Modernos: somente com o fim da Idade Média, quando o saber basicamente deveria permanecer estável e onde seguir os padrões e as doutrinas foi prescrito, foi possível a prática de uma postura radicalmente diferente: nenhum texto permaneceu sacrossanto – a dúvida se estabeleceu como abordagem metodológica.

Caracteristicamente, os textos sagrados desde então foram investigados com os métodos da hermenêutica. Não mais considerados como exclusivamente emanados da revelação divina, tornou-se possível detectar camadas diferentes em textos da bíblia – significando autores diferentes. Nos livros da Genesis em hebreu, por exemplo, nomes diferentes utilizados para ‘Deus’ foram identificados em partes diferentes do texto: Jahve, Elohim. O primeiro protagonista que aplicou tais métodos para interpretar o antigo Testamento foi o judeu holandês (emigrado do Portugal) Baruch Spinoza (1632-1677). Mas mesmo assim a prática de tal hermenêutica não ficou ainda evidente: Baruch foi expulso da sua comunidade judia no Amsterdã.

Após esta primeira etapa, a aplicação da hermenêutica passa a ter como foco os textos clássicos da Antiguidade, latinos e em particular os gregos: uma vez que eles chegaram aos Tempos Modernos na Europa como manuscritos por vezes copiados à mão por escribas, os textos ficaram em grandes partes corrompidos. A tarefa dos filólogos que nesta época começaram se constituir como grupo especializado – em particular na Alemanha – foi a de elaborar, do melhor modo possível uma versão dos textos mais próxima à do original.

O uso da hermenêutica não ficou restrita aos textos literários; foi aplicada também à análise de textos matemáticos. Como um exemplo, desde a Idade Média, as versões conhecidas dos Elementos do Euclides consistam de 15 livros, e não de 13. Mostrou-se enfim que os livros 14 e 15 foram acréscimos posteriores: o livro 14 sendo da autoria do Hypsikles (fl. em -175 na Alexandria) e o livro 15 do Damaskios (fl. +490 em Atenas).

O filólogo mais emblemático foi o Friedrich August Wolf (1759-1824). Ele aperfeiçoou os métodos de análise hermenêutica de textos clássicos gregos, e sistematizou as pesquisas em relação à autoria das duas epopeias famosíssimas de Homero, a *Ilíada* e a *Odisséia*. Deve-se a Wolf a definição clássica de hermenêutica: A hermenêutica ensina como entender e explicar os pensamentos de um Outro por meio dos seus sinais (Wolf 1839, p. 272).¹

Esta colocação breve permite entender a exigência o desafio da tarefa constituída pela hermeneutica.

Não se pode enfatizar demais a sua importância: destaca que em um texto ficamos confrontados com o pensamento de uma outra pessoa com quem não se pode mais conversar e que é preciso assim reconstruir o seu pensamento com base dos sinais que se consegue encontrar.

No entanto, temos em Wolf mais uma caracterização da metodologia de hermenêutica que muitos adeptos da hermenêutica não parecem estar conscientes hoje. Wolf continuou descrevendo a hermenêutica: este método, dizia ele, requer uma capacidade aguda de julgamento que “penetra na analogia do modo de pensamento do Outro, e sobre o qual se estabelece princípios para explicar suas ideias” (ibid.). Assim, Wolf exigiu como conhecimentos científicos primeiramente o conhecimento do idioma utilizado pelo autor. Por isto já ficam implicados inúmeras investigações gramaticais. No entanto, Wolf destacou que a hermenêutica requer investigações muito mais abrangentes:

Contudo, apenas o conhecimento da linguagem não há de ser suficiente. Devemos ter conhecimento sobre os costumes do período sobre o qual estamos lendo; devemos ter conhecimentos de sua história e de sua literatura e estarmos familiarizados com o espírito dos tempos (ibid., p. 273).

Isto significa que no entendimento clássico da hermenêutica as análises sócio-culturais, as análises dos contextos pertinentes, já estão implicadas! Assim, a hermenêutica não requer nenhum adjetivo adicional, nenhuma profundidade adicional – a hermenêutica já foi concebida de modo a incluir os contextos, as dimensões sócio-históricas.

Foi o Friedrich Daniel Schleiermacher (1768-1834), o grande teólogo, filósofo e filólogo, e colega de Wolf na nova Universidade Berlim que estabeleceu a hermenêutica como disciplina filosófica. Da fato, a hermenêutica tornou-se desde

então uma especialidade de filósofos alemães. Schleiermacher enfatizou, no mesmo sentido como Wolf, como conceito geral da hermenêutica, o de reiterar reproduzindo o que a mente do Outro teria produzido. Ele também sublinhou que a tarefa da interpretação seria reconstruir o pensamento do Outro: Um dos principais aspectos na interpretação é que se deve ser capaz de sair do próprio pensamento e de entrar no daquele do escritor (Schleiermacher 1959, p. 32).²

6.1 Uma bifurcação

No entanto, esta hermenêutica clássica não permanece como o único entendimento do conceito da hermenêutica. Diferenciou-se uma segunda vertente em decorrência as obras do filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911). Dilthey sentiu-se confrontado com o que ele considerou um domínio das ciências exatas, que de fato conseguira um forte peso social na segunda parte do século XIX. A fim de se contrapor a tais valores, ele quis estabelecer um método que assumisse um papel analogamente forte: uma vertente da hermenêutica das ciências humanas. Interpretando as obras tardias de Schleiermacher – e não conhecendo toda a obra de Schleiermacher sobre a hermenêutica - a tarefa não foi mais a de se aproximar o melhor possível do pensamento do Outro, mas o de realizar uma própria reconstrução, uma reconstrução subjetiva. O termo chave para esta vertente tornou-se “Verstehen”, com o sentido de “Einfühlen” – quer dizer o de entender, com o sentido de empatia. Esta ‘hermenêutica subjetiva’ foi adotada e desenvolvida por mais dois filósofos alemães, a saber por Martin Heidegger (1889-1976) – o filósofo que apoiou os nazistas – e Hans-Georg Gadamer (1900-2002). As abordagens das ciências humanas de Dilthey foram tão intensificadas e popularizadas por Heidegger e Gadamer que hoje em dia a hermenêutica está basicamente identificada com as suas concepções (Schubring, 2005, p.3-5).

De fato, a noção utilizada em um dos artigos brasileiros mencionados anteriormente confirma um entendimento da hermenêutica neste sentido subjetivo: o desenvolvimento da metodologia seria o de abandonar a “busca à interpretação unívoca como se ocupam, agora, de defender a potencialidade da multiplicidade de interpretações para compreendermos textos, “criando mundos” com as interpretações” (Oliveira et al., 2013, p. 121).

6.2 A hermenêutica objetiva ou material

No entanto, a hermenêutica subjetiva não é a única prática de hermenêutica. Ao mesmo tempo existe também uma vertente da hermenêutica que mantém a tradição da hermenêutica clássica no sentido de Wolf e de Schleiermacher, nomeada objetiva ou material e que insiste na tarefa de se aproximar o melhor possível do pensamento do Outro. Desde

¹ Die Hermeneutik oder Erklärungskunst lehrt uns, die Gedanken eines Andern aus ihren Zeichen zu verstehen und zu erklären“.

² Eine Hauptsache beim Interpretieren ist daß man im Stande sein muß aus seiner eignen Gesinnung herauszugehen in die des Schriftstellers.

a década de 1960, os filólogos Peter Szondi (1929-1971) e Jean Bollack (1923-2012) criticaram fortemente a versão filosófica “humanista” da hermenêutica e retomaram as ideias radicais de Spinoza. Eles desenvolveram uma versão “material” da hermenêutica, que reconhece a “alteridade” dos textos históricos e que tenta torná-los objetivamente legíveis colocando-os no espaço e tempo exatos de sua produção, ao mesmo tempo que se esforça em reduzir a subjetividade do leitor tanto quanto possível (ver Bollack 1989). Bollack não deixou nem mesmo a literatura sem críticas aos “subjetivistas”, elaborando novas interpretações de dramas clássicos antigos – em contraposição a performances conhecidas -, como as de Antígone e do Édipo Rei.

7 Conclusão

Pode-se imaginar que alguns autores que tentaram aplicar a HP o fizeram porque consideraram um enorme desafio a análise de textos históricos, buscando caminhos prontamente elaborados. Porém, não existem receitas prontas para efetuar análises históricas. Cada caso é um caso diferente; e assim a tarefa do pesquisador se constitui: a de elaborar uma abordagem adaptada ao seu caso. Por outro lado, a hermenêutica apresenta uma orientação confiável nesta busca, uma vez que se queira reconstruir o pensamento do *Outro*, e não se restringir à uma interpretação pessoal.

Referências

Andrade, Miriam Maria (2012). Ensaio sobre o Ensino em Geral e o de Matemática em particular, de Lacroix: Análise de uma forma simbólica à luz do referencial metodológico da Hermenêutica de Profundidade. 2012. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, UNESP, Rio Claro.

Bollack, Jean (1989). “Un futur dans le passé. L’herméneutique matérielle de Peter Szondi,” *Introduction à l’herméneutique littéraire*, Peter Szondi (Paris: Éd. du Cerf, 1989), I–XVII.

Cardoso, V. C. (2009). A Cigarra e a Formiga: uma reflexão sobre a Educação Matemática brasileira da primeira década do

século XXI. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação – UNICAMP. Campinas.

Fernando Guedes & Larissa Cristina Alves (2015). Hermenêutica de Profundidade como Possibilidade de Pesquisa Historiográfica em Educação Matemática. Em: *Anais do XI Seminário Nacional de História da Matemática*. Natal.

Lacroix, Sylvestre-François (2013). *Ensaio sobre o ensino em geral e o de Matemática em particular*. Tradução de Karina Rodrigues; revisão, posfácio e notas de Antonio Vicente Marafioti Garnica e Maria Laura Magalhaes Gomes. São Paulo: Editora UNESP.

Madrid, M. J., Maz-Machado A, León-Manteiro C., & López-Esteban C. (2017). Aplicaciones de las Matemáticas a la Vida Diaria en los Libros de Aritmética Españoles del Siglo XVI. *BOLEMA*, 31, (59), 1082-1100.

Oliveira, F. D., Andrade, MM & Silva, TTP (2013). A hermenêutica de profundidade: possibilidades em educação matemática, Alexandria - Rev Educ Ciênc Tecnol, 6, (1), 119-42.

Ricœur, P (1969). *Le conflit des interprétations*. Paris: Seuil.

Schleiermacher, F. D (1959). *Hermeneutik*. Nach den Handschriften neu herausgegeben und eingeleitet von Heinz Kimmeler. Heidelberg: Winter.

Schubring, G. (1987). On the methodology of analysing historical textbooks: Lacroix, 7,(3), 4151.

Schubring, Gert (2005). *Conflicts between Generalization, Rigor and Intuition. Number Concepts Underlying the Development of Analysis in 17th-19th Century France and Germany*. Sources and Studies in the History of Mathematics and Physical Sciences. New York: Springer.

Silva, TTP & Otero-Garcia S.C. (2012). A Hermenêutica de Profundidade e suas Possibilidades para Educação Matemática. In: *Anais do V Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*. Petrópolis.

Souza, L. J. (2016). Resenha da tese de doutorado de M. M. Andrade, *BOLEMA*, 30, (56), 1319-24.

Thompson, J.B. (1995). *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.

Wolf, F. A. (1839). *Vorlesung über die Encyclopaedie der Alterthumswissenschaft*. Leipzig: Lehnhold.